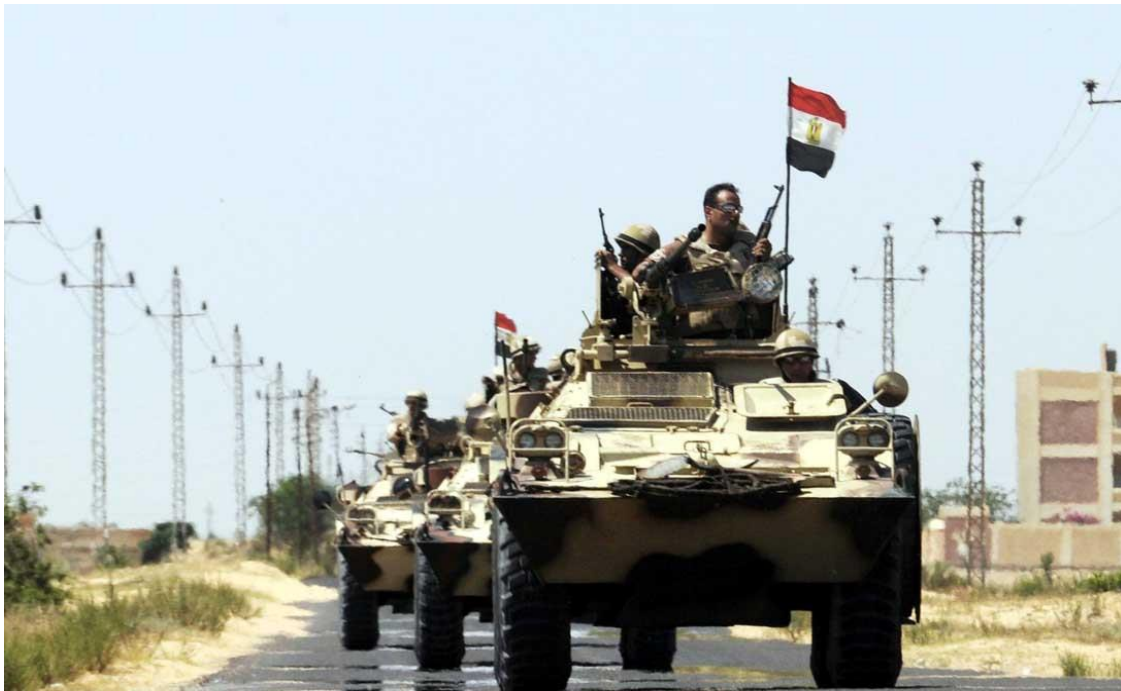


## A INSURGÊNCIA NO SINAI: CRISE POLÍTICA E CIVIL NO EGITO

Álvaro Manchon Ferreira<sup>1</sup>  
Leonardo Rodrigues Taquece<sup>2</sup>



Fonte: Egypt-Sinai (2014).

Desde 2011 o Egito encontra-se envolto em um pesado conflito armado, localizado majoritariamente na região da Península do Sinai. Focos de violência já espalharam-se para outras regiões, tendo vitimado cerca de quatro mil pessoas no período entre 2011 e 2019 (UPPSALA CONFLICT DATA PROGRAM, 2019). Sendo abastecido tanto por ressentimentos da população local formada majoritariamente pelos beduínos<sup>3</sup> quanto por rancor de grupos islamitas vinculados ideologicamente ao presidente deposto Mohamed Morsi (GOLD, 2016), os principais atores envolvidos são os grupos militantes *jihadistas*, as tribos beduínas locais e as forças de segurança do Estado egípcio. Não obstante, atores como Israel, Hamas<sup>4</sup> (Faixa de Gaza) e a Força Multinacional de Observadores (MFO) possuem participação indireta na insurgência, com interesses e influências na disputa de poder que se torna cada vez mais intensa (HART, 2016).

---

<sup>1</sup> Graduando no curso de Relações Internacionais pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). E-mail: alvaro\_manchon@hotmail.com

<sup>2</sup> Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais 'San Tiago Dantas' (UNESP, UNICAMP, PUC-SP) e bolsista CAPES. E-mail: taquece@gmail.com

<sup>3</sup> O termo "beduíno" deriva de uma forma plural da palavra árabe *badawī*, que significa "pessoas do deserto".

<sup>4</sup> O Hamas é um movimento islamista palestino de orientação sunita.

Historicamente, a península do Sinai foi ocupada por Israel na guerra de 1967 e, salvo um pequeno trecho recuperado pelos egípcios na guerra de 1973 do Canal de Suez, permaneceu ocupado por israelenses até o ano de 1982. A devolução foi consequência dos Acordos de Camp David (1978) e o subsequente tratado de Paz entre Egito e Israel, que pavimentou o caminho para o retorno da península para a soberania egípcia (IDRIS, 2017).

Todavia, mesmo com o retorno do território para o controle egípcio, a desconfiança histórica entre as forças de segurança do Estado do Egito e as tribos locais de beduínos manteve-se. Os beduínos são nômades originários da Arábia que, durante as conquistas árabes no século VII, se expandiram para o Norte de África. Essas tribos se estabeleceram historicamente com o comércio de vários produtos pelas cidades onde estavam, utilizando suas caravanas e aprendendo a enfrentar as difíceis condições de vida no deserto enquanto se moviam sempre. Desde cedo, havia conflitos pelo uso de poços de água e pastagens, mas foi com o final da 1ª Guerra Mundial (1914-1918) que o estilo de vida beduíno entrou em choque com os governos dos países onde viviam (IDRIS, 2017). A ineficiência do governo em atender às demandas locais levou, ao longo do tempo, a um aumento do ressentimento beduíno e, conseqüentemente, à uma piora nas já desgastadas relações.

Durante os anos 2000, ataques terroristas em alvos turísticos de Sinai se tornaram mais comuns<sup>5</sup>, o que aumentou as tensões na região. Buscando proteger a indústria do turismo, o governo de Hosni Mubarak intensificou a repressão das forças de segurança, principalmente contra o grupo militante *jihadista* afiliado à al-Qaeda por trás dos ataques, os Tawhid wal-Jihad (IDRIS, 2017).

O estopim para a insurgência no Sinai foi o fenômeno conhecido como Primavera Árabe, a onda de protestos que varreu países do Norte da África e de partes do Oriente Médio no início da década de 2010. No Egito, a Primavera Árabe chegou quando manifestantes tomaram a Praça Tahrir, no Cairo, em 25 de janeiro de 2011, exigindo o fim do regime autoritário de Mubarak. Os protestos no Cairo, e em outras importantes cidades egípcias, como Alexandria e Port Said, levaram, em apenas dezoito dias, à queda de um regime que encontrava-se no poder há trinta anos, desde 1981. Em 11 de fevereiro, Mubarak, sob enorme pressão tanto da comunidade internacional, quanto dos

---

<sup>5</sup> Os atentados no Sinai de 2004 foram três ataques a bomba contra hotéis turísticos na Península no dia 7 de outubro de 2004. No ataque ao hotel Hilton Taba, um caminhão entrou no saguão e explodiu, matando 31 pessoas e ferindo outras 159. Dez andares do hotel desabaram após a explosão (BBC, 2004).

manifestantes, que cada vez mais se mostravam irredutíveis com relação às exigências de renúncia imediata, acabou por entregar o cargo para as Forças Armadas (SAIDIN, 2018).

Antes de sua renúncia, no entanto, Mubarak nomeou Omar Suleiman como seu vice-presidente para que, em conjunto com o Alto Conselho Militar<sup>6</sup> e a Comissão Constitucional, assumissem a responsabilidade da realização de novas eleições. Além disso, um integrante da Irmandade Muçulmana também foi nomeado para participar desse governo provisório designando as três forças políticas que viriam a se firmar nas discussões no Egito: o movimento de 6 de abril, os Irmãos Muçulmanos e, por fim, a plataforma política liderada por Mohamed Elbaradei. Em 23 de junho de 2012, o candidato da Irmandade Muçulmana Mohamed Morsi venceu o primeiro pleito presidencial. Sua vitória o consagrou como primeiro presidente civil eleito democraticamente no Egito, mas seu governo ficou marcado por muitas polêmicas com a oposição. Morsi foi acusado de tentar impor uma nova Constituição sectária, que na ótica dos seus críticos caminharia a passos largos para forçar uma suposta "islamização" do Egito (AMNESTY INTERNATIONAL, 2020).

Nesse cenário turbulento de protestos a favor e contra Morsi, a oposição deu um ultimato de 24 horas no começo de julho de 2013 para que Morsi renunciasse. Com isso, os militares estipularam um período de dois dias para que a classe política entrasse em acordo sob a justificativa de temerem turbulências maiores, o que culminou no dia 3 de julho de 2013, no qual o governo foi deposto pelos militares liderados por Abdel Fattah al-Sisi, suspendendo a Constituição no processo. Todavia, esse golpe apenas incitou mais protestos violentos que viriam a tomar conta das principais cidades do país, incluindo Cairo. Adly Mansour, um juiz egípcio de 68 anos de idade, foi empossado como presidente interino desse novo governo.

A Irmandade Muçulmana, organização islâmica que atua em cerca de 70 países, passou a ser considerada um grupo terrorista ainda em 2013 pelos militares que tomaram o poder (KINGSLEY, 2013). Em 18 de janeiro de 2014, o governo interino institucionalizou uma nova constituição nacional após um referendo que teve baixa adesão, mas grande aprovação dentre os eleitores que compareceram: a nova constituição foi aprovada por 98,1% dos eleitores, mas a porcentagem de pessoas que compareceu foi apenas de 38,6% (ASWAT MASRIYA, 2014).

---

<sup>6</sup> O Alto Conselho Militar, também conhecido como Conselho Supremo das Forças Armadas (SCAF), consiste de um corpo de 20 oficiais sênior do exército egípcio (EGITO - ESIS, 2011).

Entre 26 e 28 de maio do mesmo ano, uma eleição presidencial ocorreu e consolidou o ex-ministro da Defesa Abdel Fattah el-Sisi como líder do atual governo egípcio, que é contestado até hoje por sua oposição como ilegítimo. No primeiro ano de seu regime, a violência escalou consideravelmente no Sinai com a ascensão do grupo militante Ansar Bayt al-Maqdis (ABM), a principal força dos insurgentes *ihadistas* a atuar na península (GOLD, 2016).

Durante seus primeiros anos de existência, entre fevereiro de 2011 e julho de 2012, o foco principal do grupo foi atacar Israel e os símbolos das relações bilaterais entre Cairo e Tel Aviv, capital israelense, como os gasodutos egípcios que abasteciam os israelenses, frutos de um acordo comercial firmado em 2005. O acordo previa o fornecimento constante de gás natural para Israel através de um consórcio israelense-egípcio chamado *East Mediterranean Gas Company* (EMG), gerando insatisfação entre a população egípcia, em especial os beduínos no Sinai (GOLD, 2016).

As ações dos militantes do Ansar Bayt al-Maqdis na península iniciaram-se ainda nos últimos dias do governo de Hosni Mubarak, enquanto este encontrava-se politicamente enfraquecido e focado em manter-se no poder. No biênio 2011-2012, cerca de treze ataques foram reivindicados pelo grupo contra instalações da EMG, levando ao cancelamento do acordo de fornecimento de gás em abril de 2011 (GOLD, 2016).

Além dessa “guerra econômica”, outro importante meio de danificar as relações entre os países eram os ataques transfronteiriços, sendo o principal deles ocorrido em 18 de agosto de 2011. Homens do ABM atravessaram para Israel portando armamento pesado, alguns usando uniformes similares aos da Guarda de Fronteiras do Egito, para tentar derrubar um helicóptero das Forças de Defesa de Israel. Nesse processo, destruíram veículos civis e causaram de seis a oito mortes do lado israelense. Ao baterem em retirada para o Sinai, os guerrilheiros do ABM o fizeram próximo às posições da Guarda de Fronteiras egípcia de forma a confundir os israelenses, que por sua vez abriram fogo e mataram cinco oficiais egípcios. Mesmo com as desculpas oficiais do ministro da defesa israelense, as relações entre Egito e Israel foram severamente abaladas. Como represália à morte dos soldados egípcios, uma multidão invadiu e saqueou a embaixada israelense no Cairo (GOLD, 2016).

Com a derrubada do presidente Mohamed Mursi em 2013 e a volta da repressão por parte do novo governo com relação à Irmandade, o ABM passou a intensificar suas atividades, visando pela primeira vez em sua atividade alvos ligados ao Egito e não Israel. Houve um aumento qualitativo na sofisticação e complexidade dos ataques realizados,

tanto na península do Sinai quanto em outras regiões do Egito. O Estado egípcio respondeu a esse aumento das atividades do grupo através da ampliação de suas operações de contraterrorismo, em especial no norte do Sinai (GOLD, 2016).

Devido ao aumento do nível de repressão sobre o grupo por parte das forças de segurança e seu conseqüente enfraquecimento, este acabou por jurar aliança ao Estado Islâmico (EI) em novembro de 2014, assumindo o nome de *Wilayat Sinai* (Província do Sinai). A fusão foi motivada por razões práticas, ou seja, a necessidade do grupo de apoio financeiro e mais combatentes experientes para atuar na região, ambas necessidades que o Estado Islâmico poderia suprir (GOLD, 2016).

Paralela a essa fusão no Sinai, o governo do Egito também foi desafiado por diversos grupos como os *Harakir Sawa'id Misr* (Hasm) e *Jama'at Ansar al-Islam*; além dos apoiadores do antigo governo de Mohamed Morsi. O Hasam é supostamente afiliado à Irmandade Muçulmana, ilegal no Egito desde 2013, focando primariamente em atacar alvos conectados ao Ministério Interior Egípcio e as forças da polícia. Com mais de 5000 vítimas, a difusão do conflito na península do Sinai foi responsável pelo deslocamento do risco de conflito para o norte do Sinai e região do Cairo — onde o confronto entre forças policiais do governo contra civis e grupos armados se tornou comum, além da repressão à livre expressão dos cidadãos (IDRIS, 2017; GOLD, 2016).

O levante do Sinai fora causado pela negligência do Estado egípcio para com as necessidades e os anseios políticos dos beduínos, especialmente em relação às tradicionais políticas de discriminação e marginalização (BASSIL, 2019). Os principais exemplos desta segregação evidenciam-se pela falta de representação política das tribos beduínas, de direitos à posse de terra e a exclusão destes da indústria do turismo do Sinai. A inexistência de oportunidades econômicas legítimas levou a população beduína a voltar-se cada vez mais para atividades ilícitas, em particular o contrabando (IDRIS, 2017; RAGEH, 2013); e com o passar do tempo, o conflito tornou-se mais violento, tendo seu foco principalmente no norte da península do Sinai. Lá, os militantes passaram a atacar com mais frequência a polícia e as demais forças de segurança nacional, em especial após a derrubada de Morsi em 2013, perpetrando atentados cada vez mais sofisticados e ousados para perturbar a ordem na região (THE ECONOMIST, 2015).

Em 2015, os insurgentes lançaram uma operação visando tomar o controle da cidade de Sheikh, no norte da península (FARID, 2015; IDRIS, 2017). O governo de Cairo optou por uma abordagem altamente militarizada para lidar com a situação de insurreição, usando de operações de contrainsurgência e de forte repressão por parte dos

seus serviços de segurança contra os grupos rebeldes. Entretanto, essa postura inevitavelmente aumentou as tensões e acabou por afetar a população local, aumentando o ressentimento destes para com o Estado (SWALE, 2015).

Seguindo a mesma linha de confronto aberto com os militantes, as ações de combate ao contrabando no Sinai, que são altamente repressivas, também tiveram consequências negativas sobre o dia-a-dia da população beduína, profundamente dependente desse mercado paralelo para a manutenção de seu sustento (SWALE, 2015). Desta forma, a aliança entre os grupos *ihadistas* e as tribos beduínas não necessariamente se dá por uma adesão das tribos à ideologia da *Jihad*, e sim pela existência de um inimigo em comum: o governo egípcio. Não obstante, existe um aumento do distanciamento entre as partes aliadas (beduínos e *ihadistas*) em decorrência do “juramento de fidelidade” dos militantes ao grupo do Estado Islâmico (RAGEH, 2013; COLLING, 2015; GRAHAM HARRISON, 2015).

Ainda assim, a abordagem militar altamente militarizada escolhida pelo governo de Abdul Fatah al-Sisi continua a despertar a ira e o ressentimento das populações locais do Sinai contra o Egito. A forma com que o governo egípcio lida com o conflito – especificamente em relação às ânsias econômicas e políticas dos beduínos – não indica indícios de diálogo entre os principais envolvidos (IDRIS, 2017).

## REFERÊNCIAS

ALJAZEERA. **Rights group calls Egypt an ‘open-air prison’ for critics**. 2018. Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/news/2018/9/20/rights-group-calls-egypt-an-open-air-prison-for-critics>>. Acesso em: 19 abr. 2021.

BBC NEWS. **Death toll rises in Egypt blasts**. 2004. Disponível em: <[http://news.bbc.co.uk/2/hi/middle\\_east/3728436.stm](http://news.bbc.co.uk/2/hi/middle_east/3728436.stm)> Acesso em: 27 abr. 2021.

AMNESTY INTERNATIONAL. **EGYPT 2020**. 2020. Disponível em: <<https://www.amnesty.org/en/countries/middle-east-and-north-africa/egypt/report-egypt/>>. Acesso em: 19 abr. 2021.

BASSIL, Annabel. Non-International Armed Conflict to Continue in Sinai? **The War Report**. Genebra, p. 1-8. nov. 2019. Disponível em: <<https://www.geneva-academy.ch/joomlatools-files/docman-files/Non-International%20Armed%20Conflict%20To%20Continue%20In%20Sinai%20.pdf>>. Acesso em: 19 abr. 2021.

EGYPT-SINAI. **Canal France 24**. 17 set. 2014. 1 fotografia. Disponível em: <<https://www.france24.com/ar/20140917>>. Acesso em: 17 abr. 2021.

COLLING, Andre. **In Sinai, Egypt Faces Tough Task to Counter Instability**. 2015. Disponível em: <<https://theglobalobservatory.org/2015/05/sinai-egypt-isis-al-qaeda/>>. Acesso em: 19 abr. 2021.

- EGITO. Egypt State Information Service (ESIS). **Formation of the Armed Forces Supreme Council**. 2011. Disponível em: <[https://www.sis.gov.eg/En/LastPage.aspx?Category\\_ID=1136](https://www.sis.gov.eg/En/LastPage.aspx?Category_ID=1136)>. Acesso em: 27 abr. 2021
- FARID, Sonia. **Egypt vs. ISIS: is Sinai now an official battlefield?** Disponível em: <<https://english.alarabiya.net/perspective/analysis/2015/07/11/Egypt-vs-ISIS-Is-Sinai-now-an-official-battlefield->>. Acesso em: 18 abr. 2021.
- GRAHAM-HARRISON, Emma. **How Sinai became a magnet for terror**. 2015. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2015/nov/08/sinai-magnet-for-terror>>. Acesso em: 18 abr. 2021.
- GOLD, Zack. Salafi Jihadist Violence in Egypt's North Sinai: from local insurgency to islamic state province. **Terrorism And Counter-Terrorism Studies**, Haia, v. 7, n. 3, p. 1-44, 14 abr. 2016. The International Centre for Counter-Terrorism (ICCT).
- IDRIS, Iffat. **Sinai Conflict Analysis**. K4D Helpdesk Report. Brighton, UK: Institute of Development Studies, mar. 2017. Disponível em: <<https://gsdrc.org/publications/sinai-conflict-analysis/>>. Acesso em: 19 abr. 2021.
- KINGSLEY, Patrick. Muslim Brotherhood banned by Egyptian court. **The Guardian**. Cairo, 23 sep. 2013. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2013/sep/23/muslim-brotherhood-egyptian-court>>. Acesso em: 5 mai. 2021.
- RAGEH, Rawya. **The root cause of Egypt's Sinai conflict**. 2013. Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/features/2013/5/23/the-root-cause-of-egypts-sinai-conflict>>. Acesso em: 19 abr. 2021.
- REUTERS. **Egyptians overwhelmingly back constitution - official results**. Cairo, 18 jan. 2014. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20140201100446/http://en.aswatmasriya.com/news/view.aspx?id=87b50dff-c5e2-4b33-9fd8-db68f4b9bd24>>. Acesso em: 5 mai. 2021.
- SAIDIN, Mohd Irwan Syazli. Rethinking the 'Arab Spring': the Root Causes of the Tunisian Jasmine Revolution and Egyptian January 25 Revolution. **International Journal Of Islamic Thought**, Exeter, v. 13, n. 1, p. 69-80, jun. 2018.
- SWALE, D. (2015). **Discord in the Desert: Egypt's Sinai Peninsula in the Aftermath of the Arab Spring**. 2015. Massey University, Manawatu, New Zealand. Disponível em: <[http://mro.massey.ac.nz/bitstream/handle/10179/7883/02\\_whole.pdf?sequence=2&isAllowed=y](http://mro.massey.ac.nz/bitstream/handle/10179/7883/02_whole.pdf?sequence=2&isAllowed=y)>. Acesso em: 19 abr. 2021.
- TAHRIR INSTITUTE FOR MIDDLE EAST POLICY. **Attacks Against Security Forces Continue in Egypt 's North Sinai**. 2017. Disponível em: <<https://timep.org/esw/reports-briefs/attacks-against-security-forces-continue-in-egypts-north-sinai/>>. Acesso em: 19 abr. 2021.
- THE ECONOMIST. **The Peninsular War: Egypt is Losing Control of the Sinai**. 2015. Disponível em: <<https://www.economist.com/middle-east-and-africa/2015/11/14/the-peninsular-war>>. Acesso em: 19 abr. 2021.
- UPPSALA CONFLICT DATA PROGRAM. **Egypt**. 2019. Disponível em: <<https://ucdp.uu.se/country/651>>. Acesso em: 19 abr. 2021.